

A arte de Gustavo Rosa



Guido Arturo Palomba

Talento se explica? Às vezes, mas nesse caso não: se sente, se absorve, se admira. A simples observação das obras de Gustavo Rosa mostra que o artista nasce artista. Gustavo é auto-didata e absolutamente livre. A melhor definição de Gustavo Rosa é a que ele próprio oferece: "Minha produção é independente. Não pertencço a grupos, facções ou movimentos. Meus movimentos estão no riscar o carvão, tingir uma tela, criar um objeto, manipular as fantasias, o lúdico, o absurdo. Quando faço isso, me deparo com a liberdade, num vôo único e solitário". Sua temática principal é a figura humana, fria e instintivamente estilizada, a retratar a vida como ela é.

A genialidade está em atingir o essencial, o simples, e com isso ressaltar aspectos da realidade em que vivemos, que muitas vezes passam despercebidos à nossa vista. Em outras palavras: Gustavo Rosa, com traços pragmáticos, sem falso romantismo, despe o mundo cotidiano, pondo-o a nú, mostrando as suas faces intrigantes, cômicas, irônicas, cujos quadros são testemunhos do mundo moderno, e por isso capazes de contar histórias, sem maquiagem, do dia-a-dia.

A obra de Rosa é basicamente senso-perceptiva, ou seja, é para ser vista e admirada no todo e nos detalhes, a começar pelo cuidado que o artista tem com a textura do espaço pictórico, que se inicia na meticolosa imprimação das telas, e terminar nos tra-

ços absolutamente despojados de todo e de qualquer excesso, passando pelo equilíbrio entre as linhas retas e as curvas, onde começam, onde terminam, e principalmente na beleza das cores utilizadas, ricamente combinadas, intuitivamente escolhidas, que se integram em qualidades fantásticas.

A obra é também muito adequada à nossa época, porque nos coloca frente a frente com o veloz mundo do homem urbano, parando, por alguns momentos, a correria e, nessa circunstância, inquietando os nossos olhos, que ficam querendo saber o que será que tem por trás dessa desejada aparente simplicidade, lindamente colorida.

Gustavo Rosa é tido como um dos maiores e mais destacados modernistas, e é o pintor brasileiro com maior número de quadros espalhados pelo planeta. Além de seu enorme sucesso nos Estados Unidos, possui cerca de três mil telas a integrar coleções particulares em diversos países, de modo especial no Brasil, Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Argentina e Espanha.

Gustavo não expõe no Brasil há nove anos. Espera-se para este ano de 2001 uma grande mostra. Enquanto isso, nós médicos podemos nos deleitar com o privilégio de ver alguns trabalhos seus, que ficarão expostos na Pinacoteca Ernesto Mendes, na sede da Associação Paulista de Medicina, durante o mês de março.

Guido Arturo Palomba, Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina

Obras do artista Gustavo Rosa publicadas nesta página: 1 - "Cooper" 2 - "A Turista" 3 - "O Intelectual"

Leia:

A Psicologia mórbida na obra de Machado de Assis

Carlos da Silva Lacaz
Página 2

José Medina

Carlos Alberto Salvatore
Página 3

Carnaval

Paulo Bomfim
Página 4

artigo

A Psicologia Mórbida na obra de Machado de Assis

Carlos da Silva Lacaz

Em 1916 diplomava-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, um médico mineiro, nascido em Guaxupé a 23 de janeiro de 1890, em turma que teve como paraninfo a singular figura de Miguel Couto. Seu nome era Luiz Ribeiro do Valle, que viria a falecer em São Paulo a 15 de outubro de 1962. Pai de meu colega de turma Luiz Augusto Ribeiro do Valle, em 1917 já estava ele fascinado pela Psiquiatria, defendendo com distinção sua tese de doutorado, abordando tema dos mais interessantes, o primeiro a tratar das idéias freudianas no Brasil, com trabalho dos mais originais sobre a psicologia mórbida na obra de Machado de Assis (1839-1908). O famoso escritor brasileiro dividia sua vida entre a poesia, o teatro e o jornalismo. Epilético, gago, mulato, com problemas visuais e intestinais que se acentuavam no decorrer dos anos, tratava-se com Miguel Couto. Machado de Assis em seus romances e contos retratou, muitas vezes, sonhos e delírios, doenças mentais e personalidades anormais. José Leme Lopes, em 1974 já analisara a metodologia da análise psicológica e psicopatológica dos textos de um de nossos grandes escritores. Tudo faz crer que Machado de Assis possuía bons conhecimentos de Psiquiatria, revelados em "O alienista", por exemplo, com grande interesse pelos trabalhos sobre loucura, sofrendo crises psíquicas semelhantes aos estados oníroides. Destaque-se, pois, inicialmente o grande interesse do criador de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro pela doença mental. O grande observador dos costumes e da vida humana indiscutivelmente incurtiu de modo planejado na Psiquiatria, sabendo-se que, em sua biblioteca não existia nenhuma obra sobre doenças mentais. Luiz Ribeiro do Valle fora aluno dos saudosos Professores Antonio Austregésilo e Henrique



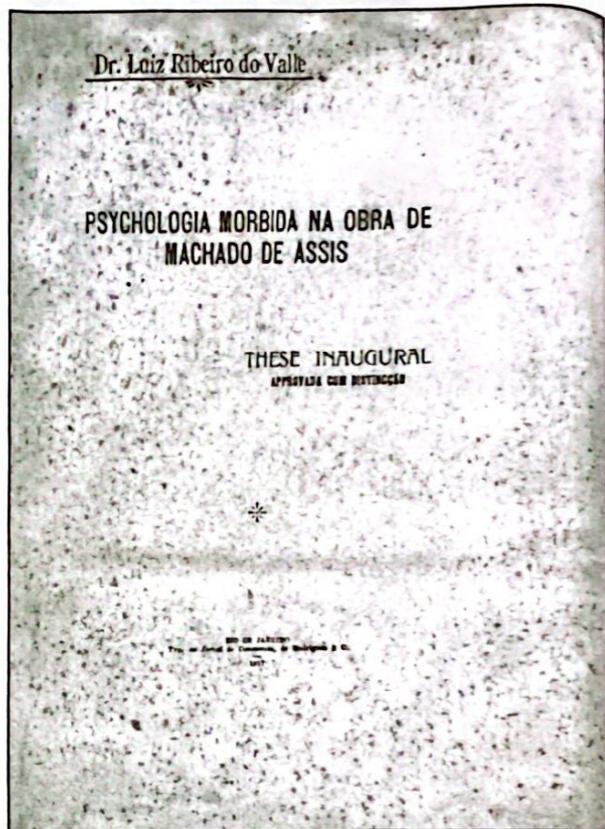
Luiz Ribeiro do Valle

Roxo, tratando em sua brilhante tese da admirável contribuição de Machado de Assis à Psicologia mórbida. Assinala Ribeiro do Valle que, dos livros do famoso escritor brasileiro, Quincas Borba é, talvez, o único que apresenta um caso típico de loucura, com todos os seus sintomas magistralmente descritos. E o caso de Rubião, com alucinações visuais quando olhava o cão de Quincas Borba, "misturava tudo, o espírito ia de um lado ao outro como bola de borracha entre mãos de crianças". Tem ambição de ser deputado. Delírios são frequentes. Rubião é internado, mas foge da casa de saúde, viajando para Barbacena, a velha cidade natal. Mandou chamar um médico e Rubião respondeu-lhe

que não era nada. Capturara o rei da Prússia, não sabendo ainda se o mandaria fuzilar ou não. Poucos dias depois, morreu.

Em "Memórias póstumas de Brás Cubas" (1881), Machado de Assis descreve várias vezes em seus personagens um bem observado automatismo ambulatório. A imaginação de Brás Cubas é um verdadeiro caos: "não havia ali a atmosfera somente da água e do beija-flor; havia, também, o da lesma e do sapo". Machado de Assis, refere Alfredo Pujol, tinha o pudor de seu mal. Em seu conto "O alienista", aparece o Dr. Simão Bacamarte, formado em Coimbra que não quis ficar em Portugal, apesar de El-Rei convocá-lo para Reitor da Universidade, vindo para sua cidade natal Itaguahy. Brilhante e admirável a descrição e alienados em um manicômio.

A tese de Luiz Ribeiro do Valle deve ser consultada por todos psiquiatras



Capa da tese de doutorado de Luiz Ribeiro do Valle

Enfim, Machado de Assis era um gênio e toda a sua obra o demonstra, pela originalidade de seu estilo, pelo brilho da forma, pela concepção filosófica e magnífica expressão das idéias. Ribeiro do Valle contesta Medeiros e Albuquerque, neste particular.

A tese de nosso saudoso colega Luiz Ribeiro do Valle, escrita em 1917, é primorosa. Deve ser consultada e lida por todos os psiquiatras, colocando em evidência os profundos conhecimentos de Machado de Assis sobre a alma humana. Só uma intuição genial poderia apresentar uma criação como Rubião, por exemplo, onde a paralisia geral fora magistralmente descrita. Simão Bacamarte há de ser sempre o alienista exagerado. Todo o ciumento se reflete no Félix, de Ressurreição. Garcia é o tipo exato do burocrata austero e pessimista. Brás Cubas é todo esperançoso que fracassa. Encerra sua magnífica tese entrando na

debatida e célebre questão da relação existente entre o gênio e as psicopatias, questão que se eterniza em muita discussão e sobre a qual a Psiquiatria ainda não disse a palavra definitiva. Machado de Assis, gago e epilético, teve sempre uma concepção filosófica do sofrimento humano, e em seu soneto "O Desfecho" ele bem o revela.

A tese de Luiz Ribeiro do Valle coloca em evidência a genialidade de Joaquim Maria Machado de Assis. Rui Barbosa, em seu famoso "Adeus a Machado de Assis" (29 de setembro de 1908) bem retratou a vida do famoso escritor: "era sua alma um vaso de amenidade e de melancolia. O mesmo cálice da morte, carregado de amargura, não lhe alterou a brandura da ténpera e a serenidade da atitude".

Carlos da Silva Lacaz, Professor Emérito da Faculdade de Medicina da USP, Presidente da Sociedade Brasileira da História da Medicina.

homenagem

José Medina

Carlos Alberto Salvatore

O professor José Medina desde jovem revelou-se um excelente didata, fino estudioso, destre diagnosticista e possuidor de grande habilidade cirúrgica. Tive o privilégio de acompanhá-lo em seus preparativos para a conquista da cátedra de Ginecologia em 1945, quando ministrou todo o curso teórico de "Aperfeiçoamento em Ginecologia" durante o mês de Janeiro desse ano: 30 aulas. Tornou-se Chefe de Clínica em 1934, sob a direção do eminente professor Nicolau de Moraes Barros, que foi quem criou a Escola Ginecológica Paulista de onde surgiram grandes mestres entre os quais, ele Prof. Medina, e os professores Waldemar Souza Rudge, Sylla Mattos, Arthur Wolff Neto, Paulo de Godoy, Domingos Delascio e José Gallucci. O primeiro professor de Ginecologia da FM foi o "grande" Arnaldo Vieira de Carvalho, fundador da FM e primeiro professor catedrático de Ginecologia. Impecável cirurgião que infelizmente o destino levou prematuramente.

Em 1938 obteve o título de professor Livre Docente e para a conquista da cátedra de Ginecologia, em 1945, sua prova escrita versou sobre o "Câncer do Colo do Útero" e sua tese foi sobre a "Hiperplasia Basal do Endométrio, Endometriose e Carcinoma do Corpo do Útero".

O professor Medina seguiu os ensinamentos do prof. Nicolau de Moraes Barros e introduziu em São Paulo, a grande cirurgia de Werthein-Meigs para a cura do câncer do colo do útero. A ele coube transferir a Clínica Ginecológica que funcionava na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo para o novo hospital anexo à FM, o Hospital das Clínicas. Sob a sua orientação tive o privilégio de junto ao eminente diretor Dr. Enéas de Carvalho montar a nova Clínica que foi inaugurada em 20/10/1948.

Publicou mais de 160 trabalhos

científicos e a primeira edição do livro de Propedêutica Ginecológica em colaboração com Sylla Mattos surgiu em 1933. Em sua 3ª edição, em 1977, tive a honra de ser um dos colaboradores.

No Hospital das Clínicas introduziu importantes setores chefiados por assistentes qualificados e dedicados: esterilidade, laparoscopia, colposcopia, endocrinologia ginecológica, mastologia, infanto-puberal, psicossomática em ginecologia e urologia ginecológica. Foi o responsável pela divulgação da citologia oncológica (Teste de Papanicolaou) tomando a Clínica Ginecológica a segunda ins-

tuição no Brasil a divulgar a prevenção do câncer ginecológico.

Sob sua orientação, formaram-se 11 discípulos, professores Livres-Docentes. A ele devo os três títulos de Livre Docente que conquistei: duas nesta grandiosa escola, FMUSP, e uma na FM do Paraná, em Curitiba. Em 1947 sob sua orientação teve início a publicação dos "Anais da Clínica Ginecológica da FMUSP". Entre 1963 e 1972 foi

diretor do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da FMUSP no HC após fusão das duas clínicas ocorridas depois do falecimento do prof. Raul Briquet, posteriormente separadas em 1970. Em 1955, fui pelo grande mestre encarregado de criar a Residência em Ginecologia onde permaneci na chefia desse grupo durante 15 anos e posteriormente tive a responsabilidade de levar adiante o renome da Escola Ginecológica Paulista, substituindo-o (1972).

O professor Medina aposentou-se em 20/04/1970 e faleceu em 31/03/1993, aos 93 anos de idade.

Mas antes de finalizar este pequeno resumo, desejo salientar que além de suas virtudes profissionais, foi um grande amigo e conselheiro de todos seus assistentes e de todos que o procura-

vam para auxílios, inclusive econômicos. Muito humano, Certa vez, presenteou seus principais assistentes com ações de um novo hospital, o Hospital Modelo. Lia todos os trabalhos científicos de seus assistentes antes de serem publicados e seu nome constava como autor somente quando ele próprio participava a feita do trabalho científico. Exemplo de grande mestre e de grandes virtudes morais. Sempre dizia: o professor deve dar o exemplo de dignidade e moral em todas suas atividades, inclusive familiares". Teve como esposa a digníssima Dona Lola Medina, que acompanhou toda sua vida profissional. Casal exemplar, com um filho, José Ricardo e uma filha, Marilena.

Iniciava suas cirurgias da clínica particular às 5 horas da manhã e às 8 horas já estava no Hospital das Clínicas. Seu trabalho no consultório ia das 13 às 19 ou 20 horas. Clinicou em seu consultório até completar 90 anos de idade e reservava as últimas horas para pacientes sem recursos econômicos. Sempre pronto para atuar em sua profissão. Todos aqueles que tiveram o privilégio de trabalhar com o

prof. Medina são eternamente gratos e tiveram a felicidade não apenas de usufruir sua sabedoria profissional mas de terem ao lado um "grande amigo", sempre pronto a dar sábios conselhos e amparo.

Eleveu e difundiu por todo o Brasil e no exterior a Escola Ginecológica Paulista, criada por Nicolau de Moraes Barros. A ele devo pessoalmente minha carreira profissional, minha dedicação à Clínica Ginecológica da FMUSP onde procurei honrá-la durante o meu exercício de Professor Titular de Ginecologia, após sua aposentadoria entre 1972 e 1987 quando fui legalmente aposentado em 19/04/1987.

Carlos Alberto Salvatore, Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Museu de História da Medicina da APM

Jorge Michalany

O Museu de História da Medicina da APM surgiu de uma coleção iconográfica iniciada pelo meu pai e depois continuada por mim a partir de 1942, ano de minha graduação na Escola Paulista de Medicina.

Depois de várias tentativas conseguiu montar em 1971 na Santa Casa de Santos um Museu, chamado naquela ocasião de Museu de Patologia, embora houvesse nele um apreciável acervo sobre história da medicina. Infelizmente, o Museu foi destruído por um provedor, alheio a São Paulo e ao valor da cultura, como é notório no Brasil. Em 1979, quando o improbo provedor foi demitido, conseguiu reaver parte do material iconográfico que hoje se encontra aqui na APM, graças ao elevado interesse de meus ex-alunos José Luiz Gomes do Amaral, Antonio Valdemar Tosi e Guido Arturo Palomba.

Para idealizar os painéis iconográficos contei com o auxílio de meu amigo, o arquiteto Mario Mauro Graziosi, os quais vêm sendo projetados e executados pelo Sr. Cláudio Ramallo e auxiliado por Ana Cláudia Trindade.

A palavra museu, derivada do grego museion, corresponde a um estabelecimento destinado a conservar, estudar, valorizar e, sobretudo, expor peças de interesse artístico, histórico e técnico para deleite e educação pública.

Portanto, nessa definição está a finalidade do ainda incipiente Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina.

Mas, para apreciar qualquer museu, é indispensável ter-se um mínimo de cultura humanista, infelizmente cada vez mais escassa no Brasil, não apenas entre estudantes mas até entre aqueles responsáveis pela educação dos jovens.

Veja-se, por exemplo, o que

ocorreu comigo numa faculdade de medicina na qual eu lecionava. Por gostar de história da medicina, em todas as aulas que proferia e nos livros que escrevi, faço referências históricas sobre a anatomia patológica. Por causa disso, os alunos achando desnecessárias essas informações, entraram em greve contra mim, infelizmente apoiados por certo membro da diretoria. Em outra faculdade, o diretor colocou como meu auxiliar um dentista - esclareça-se, não para patologia oro-dentária, mas geral - um contra senso, em vez de um médico. Ao mostrar-lhe o programa por mim elaborado no qual havia duas aulas a respeito da história da medicina e da anatomia patológica, a ser por mim proferidas, o odontólogo achou-as desnecessárias.

Tal afirmação revela o descaso para a cultura geral e memória em nosso meio, mesmo un-

versitário.

Em vários países da Europa e nos Estados Unidos há museus sobre a história da medicina como o

Welcome Museum of Medicine em Londres e o Museum of the Armed Forces Institute of Pathology em Washington, Estados Unidos.

O Museu de História da Medicina da APM está apenas começando, mas o acervo poderá se ampliar consideravelmente se os colegas contribuírem com donativos de quadros, fotografias, estátuas, instrumentos, e mesmo mobiliário.

Não há museu que deva estar terminado, e o da APM não será exceção, pois há muito a acrescentar.

De uma coisa estou certo, se em 1971, na Santa Casa de Santos houve o primeiro Museu de Patologia da América Latina, aqui na Associação Paulista de Medicina ele representará um dos poucos sobre história da medicina numa associação de classe no Brasil.

Jorge Michalany, curador.

Lia todos os trabalhos científicos de seus assistentes

Para apreciar qualquer museu é indispensável a cultura humanística

Clinicou em seu consultório até completar 90 anos de idade

crônica

Diogo Pupo Nogueira e seu mestre Celestino Bourroul

M.I. Rollemberg

Já o conheci como uma das maiores autoridades em fisiologia respiratória, tendo montado um laboratório de provas funcionais exemplar, de onde saíram vários especialistas. Ficava em um cômodo apertadíssimo no serviço de Cirurgia do Tórax da Santa Casa de São Paulo, onde as paredes estavam repletas de pipetas, buretas, termômetros, barômetros de todos os tipos, analisadores de gases, de tal forma que nem se conseguia ver sua cor. Andava-se ali com extrema dificuldade entre torpedos de oxigênio e outros gases, fios, tubulações, divãs e outros mais. Parecia uma Babel. No entanto, tudo ali fluía com uma precisão britânica, comandada pelo Diogo Pupo para a maioria. Comportava-se como um lord inglês na vestimenta, nas atitudes e no trato.

Quando passou a dedicar-se à Medicina do Trabalho, inicialmente com Bernardo Bedrikow e mais tarde com Luiz Carlos Morroene, Rene Mendes, Riani e muitos outros, criou uma verdadeira escola, base atual de nossa organização para estudo das moléstias profissionais.

Suas aulas tinham pontualidade britânica, sempre on-time. Se estava marcada para as 19:00 horas, na batida do relógio começavam suas primeiras palavras.

Em 1962 foi organizado um "Encontro sobre Doenças Profissionais" em Campos do Jordão, sob patrocínio do SESI e da Cadeira de Medicina do Trabalho da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP, cujo titular, professor Benjamim Ribeiro foi por ele substituído com enorme brilhantismo. Fui como convidado. Mas como sempre o Diogo trazia novidades. Seu carro, um Mercury 1952, estava repleto de "gadgets" e pela primeira vez vimos um automóvel equipado com cinto de segurança. Não satisfeito, como o trajeto ainda utilizava a estrada através de Monteiro Lobato, instalou uma conexão da Buzina, cujos cuidados ficavam a cargo de sua esposa, que a ia acionando pelas quase seiscentas curvas até o alto da

serra. Naquele tempo isto soava como uma esquisitice "Imagine só, para que cinto de segurança?" Já estava muitos anos à frente.

A prova funcional idealizada por ele continha todos os parâmetros possíveis, não faltando o índice de Haldane. Este foi a seu tempo a maior autoridade em fisiologia pulmonar. A tal ponto, que na década de 20 em que imperava soberana a tuberculose, afirmou que o trabalho nas minas de carvão protegia os pulmões impedindo o aparecimento da terrível doença. Abandonaram então estes trabalhadores à sua própria sorte nas regiões insalubres das minas de Cardiff. O que se viu foi o aparecimento das temíveis "bolas de carvão", que ao se esvaziarem deixavam os pulmões com enormes cavidades, com destino inexorável ao portador. É a tal história do "magister dixit".

Durante seu curso médico teve a intenção de tomar-se cirurgião, logo desfeita no 5º ano. O Hospital das

Clínicas não estava pronto e a "velha" Santa Casa ainda abrigava a "Casa de Amalado". Próximo do meio dia um colega sextoanista convidou-o para

auxiliar uma apendicectomia. O Centro Cirúrgico apresentava aquela calma própria da hora do almoço. Tomaram todas as precauções, fizeram a raqui e iniciaram a cirurgia com os parcos materiais disponíveis. Era tudo medido: luvas, campos, fios, anestésico e material cirúrgico. Não se podia desperdiçar nada, pois não haveria reposição. O colega mais experiente fez a incisão de Mac-Burney e começou a procurar o apêndice. Depois de algumas dezenas de minutos pareceu desistir. Convidou o nosso Pupo para trocarmos de lado. A procura continuou infrutífera. Nestas alturas, a irmã de sala percebendo que algo não corria bem, aproveitou e pediu ao Dr. Mario Fanganiello que por ali passava, para dar uma "ajudazinha". O Dr. Fanganiello, assistente do professor Montenegro era uma pessoa excepcional. Amigo de todos, ajudava com a maior boa vontade e desvelo aos mais jovens e inexperientes. Era o que se

podia dizer um "Pai". Quando viu os dois sozinhos foi logo dizendo num repente: "O que vocês estão fazendo aí?" O doente que estivera calado até então, mas já um tanto "cabrero", foi gritando com a voz aflita: "Me salve doutor. Estão me matando!". Com sua perícia e argúcia tomou de duas pinças longas daquelas tipo francesas e só de luvas, já que não havia mais material, em um minuto encontrou o apêndice que estava ali à mão e os dois "heróis" acabaram a cirurgia, que evoluiu sem sobresaltos.

Como já estivesse trabalhando com o professor Celestino Bourroul na 7ª Clínica Médica, tomou a decisão definitiva. Esta enfermaria ficava no andar térreo, com jardins em ambos lados, permitindo a alguns carros o estacionamento. Acostumara-se com os hábitos do professor e passou a especializar-se em doenças respiratórias, de onde não mais se desligou.

O professor tinha um hábito interessante. No início de seus cursos fazia pessoalmente a chamada. Após proferir o nome, o aluno se levantava e respondia "presente professor". Este levantava os olhos e conferia com seu livro onde estava todo o histórico escolar do aluno, encimado com uma indefectível foto 3 x 4. Conferia todos os dados e ia em frente, gastando às vezes todo o horário. Alguns alunos não atendiam prontamente a seu pedido para a tal foto e

eram sempre admoestados. Um deles parecia mais renitente. Toda aula era a mesma cantilena. Chamado mais uma vez a atenção, saiu-se com esta: - "mas para que professor? O senhor já me conhece!"

- "E preciso meu filho. Isto é muito importante."

- "Mas por que?"

- "Porque no dia em que eu estiver doente, de cama, vou estar com este livro na cabeça. Vou então pedir a presença de um médico com a seguinte recomendação: Não me tragam este aqui."

Esta história passou para o folclore da faculdade e aquele acadêmico tornou-se um emérito professor de clínica médica.

Mas o professor gostava muito de fazer gozações. Em plena 2ª Guerra Mundial, com o racionamento de gasolina pouquíssimos podiam andar de automóvel. Depois surgiram os chamados gasôgnio. Mas havia um dos alunos, aliás o único, que chegava em um daqueles carros quadrados da década de 30, chamados "guarda-louças" ou "ramona", porque se pareciam com os antigos guarda-louças das salas de jantar. Com a falta de combustível, muitos deixavam os carros parados e como todas as casas da época possuísem seu galinheiro, aquele local reservado, calmo e escuro era um convite para os galináceos, que em alguns casos ali se instalavam definitivamente.

Quando o rapaz chegava, dizendo: "Seo fulano, isto é um galinheiro..." ao que o rapaz retrucava prontamente: "De jeito nenhum professor... Um certo dia, sem que o rapaz percebesse, abriu o capô e jogou um pacote de penas de galinha próximo da hélice. Na saída, levou toda a tropa. Quando o motor foi posto em movimento, "foi só pena que voou". Entre gargalhadas gerais foi acrescentando: "Eu não falei que era um galinheiro?"

Certa noite o Pupo voltava com outros colegas de um baile no centro da cidade, quando depararam-se com o professor que vinha com sua mala de médico, sozinho àquela adiantada hora. Em uma época onde não se contava com os antibióticos, as doenças agudas representavam alto risco para a saúde. Nos casos cirúrgicos como apendicite, as horas contavam e muito para a vida ou a morte do paciente. E o mestre que já havia sentido na pele este dissabor, ao encontrar-se com seus alunos e ante seu espanto, foi dizendo que iria atender um pacientezinho com suspeita de apendicite aguda e mesmo naquela noite de blecaute, com todos os riscos, não faltaria ao chamado angustiante, cuja recusa poderia ser fatal.

Uma lição magnífica do grande mestre.

M.I. Rollemberg. Escritor Médico, autor do livro "Nos tempos da Panair"

Professor Pupo comportava-se como um lord inglês no trato e nas atitudes

Carnaval

Paulo Bomfim

Carnaval em mim. Os cabelos crescendo na noite, enfeitados pelos primeiros guizos de prata que falam aos espelhos que o tempo está passando.

O corpo envolto em serpentina que levam o vermelho da tarde ao grande bumbo que bate, sem parar, no coreto de ossos que trago no peito.

A alma está vestida com um dominó de pele. Dominó que alugou da terra, e que, um dia, voltará a ela.

No rosto, trago a máscara. Máscara estranha e perfeita, que aprendeu a reagir ao impulso de um simples pensa-

mento, que sabe rir e chorar, mostrar preocupação e demonstrar ansiedade. Máscara que tem nariz e boca, olhos e orelhas, cabelo e espanto.

Carnaval em mim. Música do ar em meus pulmões. Corso das células que se sucedem nas ruas de meu mistério. Baile da morte em meus salões repletos de carbono. Batalha de confete dos glóbulos e da poeira viva, que me penetra. Lança-perfume da esperança que embriaga, sarabanda de gritos e cordões de idéias loucas que me atravessam, galerias de nervos e bailes crepusculares.

Carnaval, hoje, sobre cinzas que serei.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:

Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Dullio Crispim Farina (presidente)
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira

Cinemateca:

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina

Jorge Michalany